

EDUCAÇÃO, TRABALHO E DESENVOLVIMENTO

José Pastore¹

Há pouco tempo minha neta perguntou:

- Vô, quantos anos você tem?

- Mariana, eu sou do tempo em que não existia avião a jato. Nem televisão. Sou do tempo em que não havia computador, fax, Internet ou e-mails. Telefone celular, nem pensar...

Ela tomou um susto e exclamou:

- Vô! Você deve ter uns 200 anos!

- Pois é Mariana, tudo isso apareceu nos últimos sessenta anos e a maioria nos últimos vinte. Por aí você vê a espantosa velocidade de mudança que marca os tempos atuais.

A velocidade das mudanças

Vivemos em uma era em que a história corre muito depressa. Já houve outros tempos assim. Lembro aqui a entrada dos teares tocados à máquina a vapor inventada por *James Watt em 1763* e a entrada do motor elétrico inventado por Werner von Siemens em 1886.

Cada vez que a história dá uma arrancada dessas, novas competências são demandadas.

É o que está acontecendo nos dias atuais. As novas tecnologias estão entrando no mundo do trabalho a uma velocidade irreconhecível, abrindo inúmeras oportunidades e, ao mesmo tempo, colocando enormes incertezas para o sistema educacional. A escola está sendo desafiada a inovar e se ajustar a um ritmo que não é próprio da cadência educacional.

No mundo do trabalho cresce a demanda por conhecimentos, por flexibilidade e versatilidade. Aumenta a necessidade de se contar com pessoas que sabem pensar e não apenas que têm informações.

As transformações têm sido imensas. Alan Greenspan, ex-presidente do Federal Reserve, escreveu um interessante artigo mostrando que o PIB tem um valor monetário e tem um peso físico que reflete o peso de tudo o que é produzido por um país.

Ele mostra que o valor do PIB está explodindo e o peso físico está diminuindo. Nos últimos 50 anos, o PIB dos Estados Unidos quintuplicou em valor, ou seja, aumentou 500%, enquanto que o seu peso físico se manteve praticamente constante. De fato, há 50 anos os rádios e as calculadoras pesavam muito. Hoje, graças aos chips, eles são miniaturas levíssimas. Os carros de hoje e os próprios aviões são proporcionalmente muito mais leves. A fibra ótica substituiu toneladas de cobre nas linhas de transmissão. As transações financeiras dispensaram toneladas de papéis, pois são realizadas on line nos computadores.²

O que isso tem a ver com a educação? Tudo.

O fenômeno apontado por Greenspan indica que a produção está se baseando cada vez mais em elementos intangíveis, ou seja, nas idéias e cada vez menos na musculação, ou seja, na força física. Na produção industrial moderna participa muito mais o abstrato do que o concreto. E o abstrato é o que se aprende na escola. Educação de boa qualidade tornou-se uma peça fundamental para a produção industrial.

Para a economia dos tempos atuais, a capacidade de pensar é crucial. A empresa moderna busca profissionais que tenham bom senso, lógica de raciocínio, competência para se comunicar, que sejam capazes de apreender continuamente e preparados para trabalhar em grupo e, por fim, que conheçam bem o seu ofício.

O uso do bom senso é fundamental. O trabalhador que decide colocar as peças defeituosas ou as frutas apodrecidas no fundo da caixa, achando que o consumidor não vai perceber rema contra o bom senso, prejudica a empresa e a si próprio. Sim porque o verdadeiro dono do seu posto de trabalho é o consumidor. Se este não for satisfeito, ela pára de comprar daquela empresa que, por sua vez, pára de crescer e pode até morrer.

Atitudes como essa não dependem de conhecimentos complexos. Mas apenas de um bom senso que vem com a educação geral. A empresa moderna espera que os seus profissionais conheçam o seu ofício e sejam comprometidos com o seu trabalho, que tenham zelo naquilo que fazem. Isto também vem com a educação geral.

O mercado de trabalho está se tornando cada vez mais exigente. Hoje, passar nos exames de admissão de muitas empresas é mais difícil do que ser aprovado em exames vestibulares. Os recrutadores buscam profissionais que tenham um bom domínio dos conhecimentos básicos e das especificidades de sua profissão. Como assim? O mercado quer um Descartes? Devem ser generalistas e especialistas? É isso mesmo. A empresa moderna espera que seus empregados dominem a linguagem, a matemática, os conhecimentos gerais, a ética do trabalho e a sua profissão.

Já não basta ser adestrado. É preciso ser educado, e bem educado porque, as mudanças, por ocorrerem em velocidade meteórica, exigem que os trabalhadores estudem e apreendam continuamente. Isso depende de educação e não de adestramento. Nem basta ter diploma. É preciso ter capacidade de apreender. A empresa moderna não está em busca de canudos, mas sim, de respostas e de quem pode aprender continuamente.

Se a concorrência é alta nos dias que correm, ela será muito mais alta nos próximos anos. Estamos mal colocados no campo da competitividade. Nos últimos anos, o Brasil caiu da 32^a para a 51^a posição, num total de 60 países estudados pelo IMD da Suíça.³ Ao desagregar os componentes da competitividade, verifica-se que a nossa maior fragilidade está na precária qualidade da educação.

O trabalho produtivo é o que se realiza com disciplina, zelo, comprometimento, amor àquilo que é feito e com competência profissional. Tudo isso depende de educação de boa qualidade.

As novas tecnologias estão transformando o modo de trabalhar. E estamos apenas no começo de uma fantástica revolução. Para participar dela, os profissionais terão de ser polivalentes. Na verdade, já entramos na era da multifuncionalidade. Veja o caso da secretária. No passado, esperava-se dessa profissional ser uma boa datilografia e um certo senso de organização. Hoje, ela precisa dominar os processadores de texto que evoluem a cada dia; ter boa redação; conhecer um pouco de contabilidade; ajudar a controlar custos; organizar viagens; manusear máquinas sofisticadas de xerox, fax, modem; ter habilidade para persuadir pessoas, conhecer línguas e ter outras habilidades.

O novo mundo do trabalho vai exigir estudo permanente. Tradicionalmente, a teoria econômica dividia o tempo do homem em duas partes: trabalho e lazer. Cada vez que se diminuía o tempo do trabalho, aumentava-se o tempo do lazer e vice-versa.

Hoje em dia – e mais no futuro - o tempo dos seres humanos está sendo dividido em três partes: trabalho, lazer e aprendizagem. O constante avanço da revolução tecnológica exige dos homens e mulheres a dedicação de uma grande parcela de seu tempo para apreender e dominar as inovações. Nesse mundo só haverá lugar para quem for capaz de apreender continuamente. Não haverá lei, sindicato ou partido que possa tornar atrativa aos empresários a mão-de-obra despreparada.

O mundo do futuro exigirá profissionais que se comportam como o aluno interessado o tempo todo. Isso já ocorre hoje em vários ambientes. Os locais de trabalho e a própria casa parecem escolas onde se estuda e se apreende de forma continuada. Uma coisa é certa: os brasileiros terão de escolher entre muita educação ou pouco trabalho; alta competência ou baixos salários.

Nessa corrida, já estamos atrasados. Enquanto a nossa força de trabalho possui apenas sete anos de escola - e má escola - nos Tigres Asiáticos, são dez anos de boa escola; no Japão, onze; nos Estados Unidos e Europa, doze.

No Brasil as deficiências educacionais vêm da base – do ensino fundamental. Por isso, as escolas profissionais de nível médio e a própria universidade estão sendo obrigadas a preencher as lacunas que a escolarização anterior deixou nos alunos.

Se o problema é grave no momento, será muito mais grave se o Brasil não elevar substancialmente a qualidade de ensino que oferece aos seus cidadãos. As projeções sobre mercado de trabalho indicam que, em 2050, cerca de 60% das pessoas estarão sendo demandadas para exercer profissões que ainda não existem nos dias de hoje. Uma amostra desse problema foi observada na retomada de crescimento da indústria automobilística americana. Em meados de 2013, a Ford e a General Motors, estavam

buscando engenheiros para realizar tarefas até então desconhecidas pela maioria daqueles profissionais, em especial, com capacitação em eletrônica e ciência da informática que eram importantes para a concepção, desenvolvimento e produção dos novos modelos de veículos. Se isso ocorre naquele país, o que dirá no Brasil que está muito atrás em matéria de ensino, inovação e produtividade do trabalho. Neste campo, a produtividade média do trabalhador brasileiro é de apenas 20% da produtividade do americano. É uma diferença brutal!

Corrida em direção a um ponto móvel

Ao mesmo tempo em que as escolas reparam os estragos da escolarização anterior, eles têm pela frente uma corrida em relação a um ponto móvel. Quanto se chega à capacitação exigida, descobre-se que as novas tecnologias requererem outras competências. Quando um país alavanca o nível de conhecimento em 5%, descobre que o seu concorrente alavancou 10% ou 20%. Vence a competição quem chega mais rápido com quadros capazes de produzir mais, diversificar produtos, atender desejos, ganhar mercado, acumular lucros e aumentar os investimentos.

Isso tem também importantes reflexos na empregabilidade. Tem mais chance de se empregar quem pensa bem. Tem mais chance de se manter no emprego quem apreende rapidamente. Peter Drucker diz que, nos dias de hoje, a segurança no emprego depende basicamente da capacidade de aprender de modo rápido e contínuo.

Devo abrir aqui um parêntesis para comentar dados aparentemente contraditórios sobre educação e emprego no Brasil. As estatísticas registram que as taxas de desemprego estão mais baixas entre os trabalhadores de baixa escolarização e mais alta entre os que completaram o ensino fundamental e até o médio. Como explicar isso?

Dois fenômenos se conjugaram na determinação desse paradoxo. O primeiro diz respeito ao modelo de crescimento recentemente adotado no Brasil nos anos de 2003-12 que enfatizou o crescimento do setor de serviços de baixa qualificação (entregadores, empregadas domésticas, ajudantes na construção

civil e outros) que fez expandir as oportunidades de trabalho para pessoas menos qualificadas. O segundo diz respeito ao desencontro entre as necessidades das empresas e a qualidade dos que concluem o ensino médio. As modernas tecnologias e os novos métodos de produzir e vender exigem qualificações que o ensino médio não oferece. Isso reflete em grande parte a desatualização das nossas escolas. Assim, tem-se ao mesmo tempo formados sem emprego e empresas sem profissionais adequados. Para cobrir esse abismo, o desafio é grande e a corrida é frenética.

Nessa corrida, conta muito o ponto de partida e a velocidade de aprendizagem. Robert Foegel descobriu que em 1850, vejam bem 1850, 90% da população americana era alfabetizada.⁴ E eu descobri que, em 1850, 90% dos brasileiros eram analfabetos. Recentemente, foi aprovada a Lei que obriga os pais a matricularem seus filhos na escola a partir dos quatro anos de idade. Nos Estados Unidos, essa lei foi aprovada em 1650!⁵

O ponto de partida conta muito. Mas, a velocidade com que se procura tirar a diferença conta muito mais. Também nessa comparação, os americanos foram mais rápidos do que os brasileiros. Eles investiram muito mais do que nós e, mesmo assim, estão sendo desbancados pela Coréia do Sul, Cingapura e Finlândia nos testes do PISA.

Não há dúvida de que o grande diferencial das empresas nos dias atuais está na capacidade de aprendizagem da sua força de trabalho. Sim porque as máquinas se tornaram relativamente baratas, acessíveis e bastante “inteligentes”. O que faz a diferença é quem opera essas máquinas.

Certa vez perguntei ao Ministro do Planejamento da Índia: por que o seu país se destaca tanto no campo da informática se os computadores são igualmente baratos e acessíveis no mundo inteiro? Ele me disse:

- O nosso sucesso é devido a três “e”: english, engineering and education!

Educação e produtividade

Fica cada vez mais claro que a educação só faz diferença na

produtividade e nos ganhos pessoais quando é de boa qualidade. Isso explica, em grande parte, porque bons profissionais de nível médio ganham mais do que diplomados em faculdades de má qualidade. Educação de baixa qualidade não traz benefícios. Os trabalhadores não ganham, não produzem, não inovam e não geram lucros. As empresas não evoluem, não lucram e não crescem. Na outra ponta, profissionais bem preparados colaboram com a empresa no processo de inovar, no bom uso dos insumos e na redução dos desperdícios. Isso é essencial para a produtividade e para a competitividade e, em última análise, para o crescimento do país.

Os exemplos da história mostram que os países que passaram por fortes crises conseguiram se recuperar pela via da boa educação. Vejam o que ocorreu com a Europa e com o Japão depois da 2ª. Guerra Mundial. Observem o que ocorreu com os Estados Unidos depois da recessão dos anos 30. Vale a pena lembrar.

A depressão de 1929 teve efeitos devastadores naquele país. Da noite para o dia boa parte da riqueza virou pó. A produção industrial caiu 50% e o comércio internacional encolheu 70%. Mais de cinco mil bancos faliram. Agravadas por uma impiedosa seca, as safras fracassaram por completo. O desemprego disparou, chegando à casa dos 25%.

Para dar uma ocupação a milhões de pessoas que estavam sem ter o que fazer, o governo americano, em meio de tantos cortes nos orçamentos, decidiu expandir as bibliotecas públicas para ali acomodar os que estavam desempregados. Assim foi feito. Os acervos aumentaram, os espaços e os horários de funcionamento se ampliaram. Surgiram nessa época as bibliotecas circulantes para atender os leitores das pequenas cidades e da zona rural.

Qual foi a consequência daquela iniciativa? Importantíssima. Durante quase dez anos, milhões de desempregados se ocuparam com a leitura. O resultado foi o previsível: no meio de tantos desastres, o país enriqueceu o seu mais precioso ativo - o capital humano - e com isso enfrentou os desafios da retomada do crescimento.

Na recessão recente, observou-se o mesmo comportamento. As

matriculas nas universidades americanas aumentaram nos anos de 2008-11 em meio de forte desaceleração da economia. Isso será estratégico na hora da retomada do crescimento econômico.

Escassez de profissionais qualificados

No Brasil, a falta de profissionais de boa qualidade atinge todas as áreas de conhecimento. No setor industrial, dois terços dos empresários se ressentem desses profissionais.⁶ Apenas 17% dos empregados completaram o curso universitário completo e 43% têm o curso médio completo.

Tenho um amigo construtor que em 2012 estava erguendo as obras de uma refinaria de petróleo no nordeste. A cada mês, ele perdia para a empresa contratante inúmeros dos seus melhores funcionários, desde mecânicos e eletricitas até mestres de obras e engenheiros –, profissionais que ele não conseguia repor em seus quadros. Os que entravam eram de qualidade inferior, o que tinha graves implicações para o custo unitário do trabalho.

Nos anos recentes, a pirataria virou a regra. Uma empresa só consegue bons profissionais quando retira de outra. Para a indústria do álcool, a escassez desses profissionais atinge 76% das empresas. No setor de vestuário, são 75%. Na indústria extrativa, 71%; na área de máquinas e equipamentos, 70%; nas montadoras de veículos, 67%, o que está levando várias delas a chamar de volta os funcionários (experientes) que se aposentaram.⁷ Na construção de hidroelétricas, o problema é o mesmo.

A carência é sentida também pela indústria aeronáutica, da mineração e do agro-business.⁸ Na área de petróleo a escassez é crítica. Igualmente preocupante é a situação de hotéis só conseguem pessoal qualificado para trabalhar como chefe de cozinha, maitres, recepcionistas e outros o que leva as empresas a “roubar” de outras. Os organizadores dos eventos esportivos de 2014 e 2016 terão um enorme desafio pela frente. Será mais fácil equipar os hotéis do que contar com pessoal adequadamente preparado.

Até hoje, o quadro da oferta é grave. O Brasil ainda mantém cerca de 1,7 milhões de jovens de 15 a 17 anos fora da escola. Cerca de

14 milhões de brasileiros de 15 anos ou mais não sabem ler ou escrever. Dos que concluem o ensino fundamental, apenas a metade conclui o médio. O pior é que mais de dois milhões de jovens com ensino médio completo não estão nem estudando, nem trabalhando. Com um quadro tão precário, não surpreende o fato dos empresários reclamarem da falta de qualidade da maior parte da nossa força de trabalho.

A ponte entre a escola e o trabalho

A escola brasileira (com raras exceções) não está conseguindo acompanhar as necessidades qualitativas do mundo do trabalho. A qualidade é o que importa. Por isso, no recrutamento de um profissional, as empresas não examinam apenas o seu currículo. Elas buscam os candidatos que revelem um bom potencial para apreender novos conhecimentos, que gostem de estudar continuamente, que tenham obsessão pela leitura, enfim, que foram inoculados com o *vírus da curiosidade*. Para trabalhar bem, é preciso pensar bem.

Na melhor das hipóteses, as nossas escolas ensinam os alunos a passarem nas provas. São raras as que ensinam a pensar. A capacidade de pensar se desenvolve a partir do domínio da linguagem. Em 2012, assisti a um seminário organizado conjuntamente pelas Academias Brasileira e Paulista de Letras cujo foco foi a defesa de língua portuguesa. Nas exposições apresentadas, fiquei profundamente chocado com deturpação da nossa língua. Uma ala crescente de professores insiste em enaltecer o uso das corruptelas em lugar de ensinar as regras fundamentais do vernáculo. Para eles, falar certo é elitista e escrever corretamente é esnobe. Para ser do povo, é preciso falar e escrever de costas para as regras da linguagem. Virou politicamente incorreto seguir a gramática.

Trata-se de um cenário falsamente democrático que se destaca pelo cultivo do erro.

O resultado disso é catastrófico. Vários recrutadores estão pedindo para os candidatos a profissões de nível médio e superior a realizarem uma prova de ditado. Isso mesmo. Ditado. Fiquei arrasado quando um recrutador me contou que de 30 palavras

ditadas, os candidatos erraram 20 em média. Houve candidato que errou 28 palavras.

O menosprezo pela linguagem adequada afeta o desempenho dos alunos nas demais disciplinas. Ninguém consegue pensar bem, se não manejar corretamente a palavra escrita e oral. Nos exames da OAB de 2012, 90% dos candidatos são reprovados, a maioria por que não sabem se expressar e não entendem o que lêem.

Deficiência de pensamento, é claro, mina a produtividade de toda a força de trabalho e crescimento do País.

Nesse quadro tão dramático, porém, vejo que nem tudo está perdido. Vejo que a maioria das empresas brasileiras se mostra disposta a fazer investimentos próprios na preparação dos trabalhadores.⁹ Prefeituras e outros entes governamentais estão treinando candidatos e funcionários já contratados. O Sistema S amplia as vagas para o ensino profissional. Os próprios trabalhadores tomam iniciativa de se matricularem em cursos de reforço da educação básica e em escolas profissionais.

Quantidade vs. Qualidade

Quando se fala em melhorar a qualidade da educação surge logo o argumento de que qualidade não casa com quantidade. Não é verdade. O que seria das montadoras se, para produzir mais carros tivessem de sacrificar a qualidade?

No início de 2012 estive na Coréia do Sul. Quando me informaram que todas as crianças estudavam com a ajuda de um *notebook* pessoal, não me impressionei porque lá essa maquineta era barata e acessível. Mas quando me contaram que todas as professoras sabiam adequar perfeitamente os recursos daquela tecnologia às necessidades de cada idade e de cada grupo de crianças – fiquei maravilhado. Bem diferente é o caso de milhares de escolas públicas brasileiras nas quais 96% dos computadores estão na diretoria e não nas salas de aula.

O problema fundamental da educação brasileira não está na falta de máquinas e sim na falta de programas e talentos bem preparados para administrar as escolas e educar os alunos. Isso se reflete na produtividade do trabalho, na eficiência das empresas,

no custo de produção e no alto preço dos bens e serviços.

A escassez de pessoal qualificado faz disparar o custo do trabalho. Aumentar salário é bom para o trabalhador e para a economia. Mas, isso precisa ser acompanhado pela elevação proporcional da produtividade. No é o caso do Brasil. Quando se comparam os salários brasileiros com os dos nossos concorrentes, a situação é preocupante. O salário médio industrial de países do Leste Europeu são inferiores aos do Brasil (todos com encargos sociais). Na Estônia, é de US\$ 9,47 por hora, enquanto que o do Brasil é de US\$ 10. Na Hungria é de US\$ 8,40; em Taiwan, US\$ 8,36; na Polônia, US\$ 8,01; no México, US\$ 6,23; nas Filipinas, US\$ 1,90; e na China, US\$ 1,36.¹⁰ O mais importante é notar que a qualidade da educação e o nível de produtividade da força de trabalho desses países são substancialmente mais altos do que os do Brasil. Ou seja, o custo unitário do fator trabalho é bem mais baixo do que o referido pelos números acima.¹¹ É com esses países que o Brasil está tendo de competir e de maneira acirrada. E os resultados não são bons. Nossos bens e serviços não têm a qualidade e o preço que os consumidores desejam. O problema decorre, em grande parte, devido ao elevado custo unitário do trabalho e à escassez de bons profissionais.

Comparações internacionais indicam que, no momento atual, o Brasil é um dos países que mais sofre com a questão da falta de mão de obra e da baixa produtividade do trabalho.¹²

Educação e cidadania

Além da demanda do setor produtivo, o Brasil tem necessidade de construir gerações de bons cidadãos e de reduzir fortemente o grande atraso nas áreas sociais, como é o caso da saúde, justiça, segurança, previdência e da própria educação. Aí também a defasagem é preocupante. O exercício da cidadania só ocorre depois da incorporação adequada do sistema de direitos e deveres. Na Constituição Federal, a palavra *direito* aparece 76 vezes enquanto que a palavra *dever* aparece apenas quatro vezes. A palavra *produtividade*, duas vezes e *eficiência* uma vez. O que se pode fazer com um país que tem 76 direitos, quatro deveres, duas produtividades e uma eficiência?

Poucas são as escolas que transmitem os valores comumente praticados no mundo do trabalho, onde o equilíbrio entre direitos e deveres é fundamental. Na minha visão, as escolas do Sistema S são exceções. Vejo nelas o cultivo do *ethos* do trabalho. A minha visão decorre de mais de 50 anos de visitas a essas escolas. Nunca vi entre os alunos do SENAI, por exemplo, o desrespeito pelos professores, a depredação das instalações, o descaso pelas ferramentas, o descuido pelos valores morais.

Porque isso não ocorre em outras escolas? Penso que os valores do *ethos* do trabalho vêm da interface das escolas do Sistema S com as empresas industriais. Nunca vi uma empresa bem sucedida que seja suja, descuidada e desleixada com seu equipamento e ferramentas. É dessa interface que surge a o *ethos* que é transmitido pelo SENAI. Para o trabalho moderno, esta dimensão é tão importante quanto a cognitiva.

Em conclusão, os avanços quantitativos no campo da educação e da formação profissional precisam ser urgentemente atendidos por melhorias na qualidade e por inovações nos programas e nos métodos de administrar e transmitir a educação.

Como o processo educacional é demorado, o Brasil terá de encontrar um atalho. As iniciativas das empresas é um deles. Vejo nesses programas uma chance de reparar os estragos causados pela má qualidade da escola fundamental.

A educação básica de boa qualidade é a chave para se resolver o problema da baixa capacitação da mão de obra no Brasil. É a chave também para se gerar bons empregos e para manter as pessoas empregadas e usufruindo de rendas crescentes. Enfim, é fundamental para o bem estar geral da população.